

ENSINO DE LITERATURA VIA PROJETO PEDAGÓGICO: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Michael Jones Botelho*

 <https://orcid.org/0000-0002-0778-5272>

Como citar este artigo: BOTELHO, M. J. Ensino de literatura via projeto pedagógico: um caminho possível para a formação de leitores. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 1-16, set./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETOL17988>

Submissão: 12 de maio de 2025. **Aceite:** 18 de maio de 2025.

Resumo: Este artigo centra-se na investigação de como o trabalho com a obra literária *O livro dos ressignificados*, de João Doederlein (2017), no contexto de um projeto de ensino desenvolvido em uma escola privada, impacta a aprendizagem significativa dos alunos, favorecendo a leitura, o protagonismo estudantil e a consequente formação de uma comunidade leitora. Este estudo também se aprofunda na compreensão da interseção entre as transformações literárias, alavancada pelo contexto da era digital, e o ambiente educacional, buscando discernir de que forma tais inovações podem afetar a prática pedagógica, a apropriação do texto literário e o consequente gosto dos estudantes pela leitura literária de forma autônoma.

Palavras-chave: Formação de leitores. Literatura brasileira contemporânea. Projeto de ensino. Aprendizagem significativa. *O livro dos ressignificados*.

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: michael_jonesb@hotmail.com



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

OUTRAS LETRAS

Faz um bom tempo que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel (Lemke, 2016, p. 458).

INTRODUÇÃO

Atire a primeira pedra quem nunca ouviu aquela velha (e batida) frase “o mundo mudou, a sociedade muda com ele” e não fez, ao menos, uma breve reflexão, pensando em como o mundo era na época dos nossos avós e como está hoje, geralmente chegando à conclusão de que a sociedade do passado era melhor – menos violenta, com mais valores, mais simples e desconectada. A adaptação às novas realidades, sejam elas boas ou ruins, torna-se inevitável para quem deseja fazer parte do mundo, hoje, global.

Muitos pensadores e teóricos da modernidade já discorreram sobre esse fato e relatam mudanças mais significativas no comportamento do homem contemporâneo, tal como o sociólogo Stuart Hall (2014, p. 12), o qual aponta que todas essas mudanças, por muitas vezes, ocasionam crises identitárias: “sociedades de mudança constante, rápida e permanente [...] são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes identidades”. O filósofo Zygmunt Bauman (2001, p. 8-9) também sugere essa inconstância das relações interpessoais e compara essa característica à liquidez moderna:

Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade.

No entanto, talvez esse sentimento saudosista em relação ao passado decorra das transformações pelas quais a humanidade passou desde a sua criação que fazem parte do processo de evolução do ser humano, que acaba por se adaptar às novas realidades que lhe são impostas. No mundo contemporâneo, a principal mudança que alterou profundamente a vida da sociedade – marcada por uma era de mudanças sem precedentes em todos os aspectos da vida cotidiana –, obrigando-a a passar por uma nova metamorfose, foi a revolução digital.

Desde então, a comunicação tornou-se instantânea e global, eliminando fronteiras e criando a oportunidade de interagir livremente com as mais diferentes culturas do mundo em apenas um clique. O mundo digital alterou radicalmente a forma como trabalhamos, aprendemos, lemos e consumimos informações, democratizando o acesso ao conhecimento e, concomitantemente, abrindo novas oportunidades econômicas e sociais.

Dentro desse novo leque de descobrimentos e oportunidades, parece ter surgido, também, uma nova forma de escrita e de leitura do texto literário. Se pensarmos na esfera da escrita, a literatura contemporânea tem por tendência criar narrativas fragmentadas e de gênero híbrido, com foco na temática subjetiva das experiências do cotidiano, muito em consonância aos novos hábitos de leitura e de consumo de informação.

Esses novos hábitos se manifestam por dois modos de leitura: a fragmentação e a não linearidade, principalmente no âmbito da leitura digital. Nesse meio

observamos a proliferação de conteúdos curtos, como artigos de *blog*, *posts* nas mais diversas redes sociais, informações reduzidas e objetivas, ao lado de notícias rápidas, muitas vezes conduzidas por *hiperlinks*, que contribuem para o leitor saltar de um conteúdo a outro, criando uma experiência de leitura dispersa e segmentada, assim como aponta Magda Soares (2002, p. 150):

A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeita ou considerar-se suficientemente informado – enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal.

Esse tipo de leitura em muito se aproxima ao nosso próprio esquema mental de pensamento, já que o cérebro aprende fazendo associações de informações – dispersas e fragmentadas – previamente aprendidas. Entretanto, esse imediatismo na busca por informações tem, por muitas vezes, ocasionado um grande problema: a superficialidade da leitura, principalmente entre os mais jovens, os quais já nasceram nessa nova era pós-revolução digital e estão totalmente habituados a essa nova forma de leitura.

Adaptar-se a essas mudanças é essencial para aproveitar ao máximo o potencial da leitura digital: esse tipo de leitura já é uma realidade no campo literário. Todavia, é crucial pensarmos, no campo pedagógico, em formas e estratégias, tanto em letramento digital quanto em letramento literário, que deem conta de, ao mesmo tempo, suprir essas novas demandas de leitura e escrita que chegam até a sala de aula e mitigar o problema da superficialidade da leitura entre os jovens.

Portanto, se a forma de leitura e de escrita e, consequentemente, a própria literatura têm mudado nas últimas décadas, a maneira como o professor de literatura ensina e trabalha o texto literário também precisa ser mudado. Não faz mais sentido, no mundo contemporâneo, continuar abordando a literatura sómente pelo viés tradicional – priorizando a historiografia literária e promovendo avaliações que cobrem apenas a verificação da leitura. Essa forma, além de arcaica, é muitas vezes responsável por fazer com que os alunos tenham desgosto pela leitura literária e criem “traumas” acerca dessa disciplina, assim como corrobora Benedito Antunes (2015, p. 4):

Dante dessa imposição, os alunos respondem normalmente com a recusa ou a indiferença, que significa simplesmente não ler ou ler superficialmente e, pior ainda, de forma instrumental, como conteúdo que poderá ser cobrado no exame vestibular ou no concurso público. Nos dois casos, será sempre uma leitura sofrida, que dificilmente despertará o verdadeiro interesse pela literatura como experiência estética, capaz de ampliar seu universo afetivo e intelectual e influenciá-lo na compreensão de si e do universo em que vive.

A proposta de que trata este artigo visa a um ensino de literatura que tenha como prioridade o estudo do próprio texto literário, em conjunto com a sua materialidade (Chartier, 1999) e a consequente formação de leitores. Para que isso ocorra, três procedimentos são essenciais: 1. a leitura colaborativa – feita em

OUTRAS LETRAS

conjunto e em voz alta, podendo ser no formato de roda de leitura e em um espaço diferente da tradicional sala de aula; 2. a seleção adequada de textos literários – que leve em consideração o contexto, o gosto e o cotidiano dos alunos; e 3. um processo pedagógico envolvente – que perpassa por uma mediação cativante do professor, o qual incentiva os alunos ao diálogo e à troca de experiências geradas a partir da interpretação dos textos, junto ao desenvolvimento de projetos educacionais que priorizem a autonomia dos estudantes. Esses passos são a fórmula mais eficaz para que o educando sinta gosto pela leitura e escrita literárias.

Tendo em vista que a formação de leitores competentes e críticos é um dos grandes desafios da educação contemporânea, a escola, por meio da disciplina de literatura, tem papel crucial na orientação dos alunos para que possam adquirir habilidades de leitura e escrita que os capacitem a compreender, analisar e criticar os mais diversos tipos de textos. A partir dessa perspectiva, entendemos que o processo de formação do leitor literário na escola somente ocorre, de fato, quando o texto faz sentido para o aluno e quando ele consegue fazer relações daquilo que está lendo com a própria vida, assim como sugere Mirian Zappone (2008, p. 50-51):

A escola tem como uma de suas metas principais o desenvolvimento de capacidades individuais relacionadas ao codificar e decodificar da língua e não volta sua atenção para o modo como essas práticas podem fazer sentido na vida de seus alunos, o que transformaria a leitura e a escrita em atividades muito mais significativas para os estudantes.

Desse modo, a escola precisa priorizar práticas de leitura e escrita que estão em consonância ao seu público, promovendo dinâmicas criativas, com temáticas atuais, para cativar os jovens em sala de aula. É nesse momento – quando a leitura se torna significativa – que o educando se apropria do texto literário e recria-o a seu modo.

Assim como aponta Michel de Certeau (1998), a apropriação do texto, por parte do leitor, ocorre quando este, ao ler e interpretar o texto, carrega para si aquilo que inferiu e dá um significado novo a ele, visto que a leitura não se revela como uma atitude passiva do leitor, pois modifica e ressignifica o seu objeto. Nesse contexto, o livro torna-se um efeito do leitor, e a sua realização, no ato de ler, é produtora de sentidos.

Desse modo, no contexto educacional, uma das formas de apropriação do texto literário, por parte do aluno, ocorre quando o professor desenvolve projetos de ensino para trabalhar as obras literárias para que, por meio desses projetos, o estudante ressignifique a leitura, tornando-a significativa e prazerosa. Em vista disso, podemos dizer que este é o tema central do presente artigo: investigar como o ensino de literatura, desenvolvido por meio de projetos pedagógicos, e, em comitânciam a isso, a escolha de livros adequados aos alunos são um meio bastante profícuo para formar leitores em sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Compreendemos como projetos pedagógicos, na área de literatura, toda e qualquer forma de trabalhar o texto literário visando promover o estudo, a compreensão e o apreço pela leitura literária por meio de atividades planejadas e estruturadas,

tais como a leitura de obras no formato de roda de leitura, discussões em grupo para gerar familiaridade e aproximação ao enredo, e atividades que usem a escrita criativa na produção de textos autorais dos educandos. Tais práticas parecem alcançar resultados eficazes no que diz respeito à educação literária, visto que tornam o aluno protagonista do seu próprio aprendizado e, assim, ele pode levar para a sala de aula o próprio cotidiano e o próprio contexto de vida.

É comum ouvir, por parte considerável dos alunos, queixas a respeito das escolhas das obras literárias feitas pelo professor, alegando que há uma priorização de livros clássicos em detrimento de obras contemporâneas e “mais conhecidas” por eles, as quais preferiam. Outro desafio enfrentado pelos docentes – e pela grande parcela dos professores de literatura – é a concorrência desleal ante os inúmeros vídeos do YouTube que sintetizam os mais diversos textos literários e apresentam os resumos de livros que estão à disposição dos alunos. A tentação, quase irresistível, de apenas assistir aos vídeos e ler os resumos, em vez de partir para a leitura integral da obra literária, infelizmente é uma prática comum entre os estudantes.

A partir dessa reflexão, em conjunto com a aplicação de diversas práticas educacionais – nem sempre exitosas – que serviram como uma espécie de “laboratório pedagógico”, formulamos a seguinte hipótese: para a formação do leitor, é necessário que se tenha uma boa mediação por parte do professor – que se revela em um processo didático-pedagógico envolvente – junto à seleção adequada de livros que levem em consideração o contexto e o gosto dos alunos.

Nesse contexto, a inserção de projetos pedagógicos que incorporam obras literárias surge como uma ferramenta poderosa para abandonar o modelo tradicional de ensino que, no caso da literatura, consiste, geralmente, na pura análise mecânica do livro, inserindo-o num momento histórico predeterminado, não levando o discente a fazer uma reflexão crítica sobre aquilo que está sendo discutido na obra, muito menos a trazer essa reflexão para a sua vida.

Acreditamos que os projetos pedagógicos ancorados em obras literárias possibilitem uma conexão mais sólida entre o conteúdo curricular e a realidade vivida pelos alunos. Ao selecionarem obras que dialogam com as questões contemporâneas dos alunos, os educadores instigam a reflexão sobre temas relevantes do cotidiano dos estudantes, propiciando, assim, uma aprendizagem contextualizada e engajadora, pois, como se lê em Leite e Mendez (2000, p. 25): “Aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos”. Os discentes percebem a aplicabilidade prática do conhecimento adquirido, conferindo-lhe um significado que transcende os limites da sala de aula.

Do mesmo modo, a abordagem interdisciplinar, presente em tais projetos, potencializa a integração de diferentes áreas do conhecimento. Por meio da exploração dos diversos temas presentes nas obras, os alunos são desafiados a articular os conhecimentos obtidos previamente nas diversas disciplinas, gerando, assim, uma visão interdisciplinar do saber. Isso não apenas enriquece a experiência educativa, mas também prepara os estudantes para que possam enfrentar os desafios da vida que demandam uma abordagem complexa e interconectada.

Outro benefício da práxis pedagógica com o texto literário é a aprendizagem significativa do aluno que, segundo Ausubel (1982), é aquela que se ancora em conhecimentos preexistentes. Com isso, estabelece ligações substanciais entre o

OUTRAS LETRAS

novo e o já conhecido, promovendo, dessa forma, uma aprendizagem que se torna mais eficaz e prazerosa, visto que os estudantes conseguem relacionar novas informações com o que já sabem, o que contribui para uma compreensão mais profunda e duradoura do conteúdo, como corrobora Zabala (1998, p. 115):

Será necessário oportunizar situações em que os alunos participem cada vez mais intensamente na resolução das atividades e no processo de elaboração pessoal, em vez de se limitar a copiar e reproduzir automaticamente as instruções ou explicações dos professores. Por isso, hoje o aluno é convidado a buscar, descobrir, construir, criticar, comparar, dialogar, analisar, vivenciar o próprio processo de construção do conhecimento.

Os projetos pedagógicos com obras literárias podem representar uma abordagem transformadora na educação. Ao fomentar a participação ativa, promover a leitura crítica e estabelecer conexões com a realidade, essa prática propicia uma aprendizagem autêntica e significativa, além de favorecer o protagonismo juvenil. Assim, a integração de projetos com obras literárias se revela não apenas como uma alternativa promissora, mas também como uma eventual contribuição para a busca de uma educação mais significativa e prazerosa.

DAS TELAS DIGITAIS PARA A SALA DE AULA

O livro dos ressignificados, escrito pelo poeta João Doederlein, conhecido também como Akapoeta em suas redes sociais, foi publicado, na versão impressa, no ano de 2017. Trata-se de um dicionário poético composto de 170 verbetes – os quais são chamados de ressignificados – e dividido em seis capítulos, cada qual introduzido por um poema ou prosa poética, cuja temática é a mesma abordada na respectiva subseção.

O livro de Doederlein foi fruto de uma compilação de textos reunidos posteriormente. Esses excertos haviam sido publicados em suas redes sociais durante um curto tempo, até que, depois do grande sucesso da circulação virtual, a Editora Paralela, um dos selos de livros comerciais da Companhia das Letras, resolveu publicar os fragmentos no formato físico.

Nascido no ano de 1996, em Brasília, filho da geração Z, João Doederlein cresceu com o advento da internet e das novas tecnologias, as quais o influenciaram diretamente na veiculação dos seus fragmentos literários. No ano de 2015, aos 19 anos, inicialmente publicando os ressignificados na rede social Facebook e, depois, no Instagram, Doederlein obteve notório sucesso, explicitado pelos milhares de seguidores¹ e pelo grande número de compartilhamentos e curtidas que seus posts literários alcançaram em menos de um ano, culminando, assim, na reunião dos verbetes em formato editado e impresso apenas dois anos depois.

Figurado entre os livros mais vendidos no ano de 2018, *O livro dos ressignificados* obteve notório sucesso vendendo, logo no seu primeiro ano de lançamento, cerca de 42 mil exemplares, ficando ao lado de obras já consagradas do cânone universal, como *A revolução dos bichos*, de George Orwell, que no referido ano vendeu pouco mais de 43 mil cópias da edição brasileira da Companhia das

¹ Atualmente com cerca de um milhão de seguidores no Instagram e 53 mil no Facebook.

Letras². Atualmente o livro de Doederlein já ultrapassou a marca dos cem mil exemplares vendidos, segundo o site da Amazon.

Nesse mesmo site, encontramos algumas outras informações relevantes sobre a obra do poeta brasiliense, tais como a sua colocação no ranking dos livros mais vendidos – 14º na categoria “Literatura e ficção” – e a avaliação dos leitores sobre esse livro – 82% atribuíram a nota de 5 estrelas (pontuação máxima) num total de 2.514 leitores que votaram na página do website³.

Dois pontos devem ser ressaltados para entendermos o princípio de originalidade dessa obra. A princípio, escrever poemas no formato de um dicionário não é novidade, entretanto fazê-lo de forma sistematizada, com o estilo e fim próprios do gênero, carregado com alto teor poético-criativo e temática contemporânea, isso nenhum poeta havia feito antes. Em consonância a isso, Roger Chartier (1999, p. 17) sugere:

[...] não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras.

A obra de Doederlein inova ao trazer um livro totalmente pessoal, visto que os verbetes selecionados, em grande parte, retratam momentos e sentimentos importantes na vida do poeta, entretanto, exatamente por ser pessoal, a temática torna-se universal, uma vez que o leitor se identifica com o que é retratado no livro por meio do estilo de escrita simples, cotidiana e carregada de sentido metafórico.

O segundo ponto a ser levado em consideração é o fato de *O livro dos ressignificados* não se enquadrar em um gênero textual específico. A obra não consiste em uma reunião de poemas, não é um dicionário, muito menos um livro de aforismos ou autoajuda. Nesse sentido, é plausível o concebermos como um dicionário poético, já que carrega em si as marcas de um dicionário formal, porém permeado do estilo de escrita poético-literária, sendo assim um texto de gênero híbrido, prática comum entre os poetas da literatura contemporânea.

A premissa de que os jovens da contemporaneidade não leem é falaciosa, uma vez que devemos levar em consideração todos os níveis de leitura e interpretação de textos a que eles estão expostos no mundo digital. Mundo esse em que predomina um tipo de leitura não linear, segmentada e permeada por hiper-textos, com os quais, desde cedo, a criança é condicionada a fazer relações e referências a outros textos e repertórios. Nesse sentido, percebe-se que o ato de ler tem caminhado para um tipo de escrita mais fragmentada e de extensão mais curta, como é o caso do livro aqui discutido de Doederlein.

Em uma primeira leitura, *O livro dos ressignificados* não parece seguir um mesmo enredo ao longo de suas páginas, apesar do predomínio do conteúdo da desilusão amorosa e da descrição dos sentimentos que o circundam. No aspecto

² Dados completos disponíveis em: <https://veja.abril.com.br/cultura/os-20-livros-de-ficcao-mais-vendidos-de-2018-quantos-voce-leu/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

³ Dados completos disponíveis em: <https://www.amazon.com.br/livro-dos-ressignificados-AKA-Poeta/dp/8584390812>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OUTRAS LETRAS

estilístico, cada um dos 170 ressignificados segue o padrão de um dicionário: o verbete, em fonte maior, acima do texto, seguido de sua classe gramatical em parêntesis, e a respectiva definição pormenorizada da palavra em causa. Até mesmo a descrição do vocábulo carrega em si as marcas do referido gênero textual, visto que é feito por uma sequência de grau de importância e definições curtas. Certamente a escrita das definições não é objetiva e impessoal, como um dicionário tradicional: é, ao contrário, carregada de subjetividade, parcialidade e lirismo, aspectos que contribuem para tornar literário o texto em que ocorrem. Do mesmo modo não observamos uma organização sequencial em ordem alfabética dos verbetes, já que eles estão dispostos de acordo com o capítulo ao qual pertencem.

Outro aspecto estilístico a se levar em consideração é o fato de João Doederlein não utilizar a regra gramatical que diz respeito ao emprego da letra maiúscula, tanto na letra inicial dos verbetes e no início do texto quanto após os pontos finais⁴. Seguramente, tal licença poética traduz-se como uma marca que o autor quis deixar no livro para relembrar a sua origem: o estilo de escrita presente nas redes sociais. Tal marca faz com que o público juvenil se aproxime e se identifique ainda mais com o livro, já que se sente mais familiarizado com esse tipo de escrita, o que reforça a tendência contemporânea da transposição da literatura para os ambientes digitais.

Por fim, cabe destacar, ainda, mais um tópico a respeito do estilo de escrita dos verbetes: a separação dos versos finais do corpo do texto. Em praticamente todos os ressignificados, é possível observar um ou dois versos que ficam em evidência por serem mais impactantes e fazerem um resumo catártico do que foi dito anteriormente, como podemos observar na Figura 1.

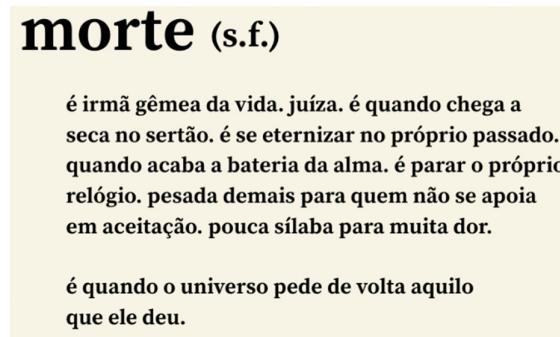


Figura 1 – Verbete de *O livro dos ressignificados*

Fonte: Doederlein (2017, p. 157).

Nesse *ressignificado*, detectamos todas as características do livro que já foram supracitadas no que tange à estilística do texto: o destaque ao nome do verbete, seguido da sua classe gramatical – substantivo feminino – a ausência de letras maiúsculas em todo o ressignificado e o destaque dado aos versos finais, como um resumo mais impactante daquilo que foi escrito anteriormente.

⁴ Com exceção de três verbetes – Deus, Pasárgada e Carnaval –, todos com inicial maiúscula.

No que tange à escrita poética, podemos observar o predomínio da metáfora para descrever o que seria a morte. O autor compara-a à tragicidade da seca no sertão, causadora de muitas mortes, faz analogia da alma com a bateria que se acaba e revela que a palavra carrega muita dor em suas poucas sílabas. Os versos finais manifestam uma perspicaz sensibilidade do autor ao descrever a morte como uma devolução feita ao universo do presente que ele mesmo nos deu: a vida.

Essa escrita com alto valor poético confere à obra *O livro dos ressignificados* um patamar que vai além da mera definição enrijecida das palavras. Transmite vivência, sabedoria e uma alta carga de sentimentos ao descrever a palavra de uma forma com que as pessoas se identifiquem e se incluam na própria literariedade da obra.

PROJETO “O MEU LIVRO DOS RESSIGNIFICADOS”

A seguir, será feita a exposição e análise do projeto escolar desenvolvido a partir da obra aqui discutida. É importante salientar que essa prática de letramento foi desenvolvida em uma escola privada de ensino básico, no interior de São Paulo, na qual o professor que aqui escreve leciona. O projeto foi aplicado em turmas do nono ano do ensino fundamental anos finais – cuja faixa etária varia de 14 a 15 anos –, totalizando 80 alunos participantes, no período regular de aulas, que fizeram parte do planejamento anual do professor. A obra aqui em causa foi solicitada na lista dos paradidáticos, enviada aos pais no início do ano letivo⁵.

Tal prática teve por finalidade a leitura significativa do livro, a autonomia e o protagonismo do aluno, a apropriação do texto literário e a escrita criativa e poética. Esse trabalho foi marcado pela complexidade e extensão do produto final, em que cada aluno teve de confeccionar um livro, da capa à contracapa, de maneira autônoma e criativa.

A primeira etapa do projeto consistiu em uma leitura coletiva de partes do livro, feita ao ar livre, no jardim da escola. A leitura integral da obra deveria ser feita previamente em casa pelos estudantes. O professor solicitou que na leitura individual cada aluno marcassem os verbetes de que mais gostou, seja pela proximidade com algum evento particular vivido, seja pelo seu significado. Na leitura coletiva, feita fora das quatro paredes da sala de aula⁶, cada aluno deveria ler, interpretar e relacionar com a própria vida dois dos *ressignificados* presentes no livro e apresentar essas considerações para a classe.

No começo a timidez foi um desafio a ser vencido para que a prática desse certo, entretanto, com a leitura espontânea dos primeiros estudantes, os demais, aos poucos, foram se sentindo motivados a também partilhar a sua leitura e experiências proporcionadas pela obra. Essa etapa foi bastante significativa, pois ficou evidente o encantamento dos alunos com as partilhas que os colegas faziam embasados nos sentimentos que os verbetes proporcionaram a cada um. A catarse foi demostrada de diversas formas: risos, aplausos, surpresas, tristezas e até choro. Foi unânime a avaliação de que essa prática de letramento rendeu

5 Ambos os projetos foram desenvolvidos no ano letivo de 2023.

6 O autor deste texto, a partir de sua experiência como professor, acredita que a leitura de uma obra literária em um ambiente externo à sala de aula propicia um melhor engajamento dos alunos, visto que eles ficam mais predispostos e animados a ler, e, consequentemente, a leitura se torna uma prática mais prazerosa.

OUTRAS LETRAS

muitos frutos, como podemos observar nas falas de alguns dos alunos que participaram do projeto:

Aluno A: Foi muito interessante fazer a leitura em sala de aula, pois quando todos leram ressignificados marcantes e contaram suas interpretações senti que pude conhecer e até me identificar com pessoas que não esperaria. Além da leitura parecer mais rápida, o que é bem legal.

Aluno B: Gostei, achei bem proveitoso, foi uma leitura divertida e prazerosa, da maneira que lemos a leitura não ficou chata e sim bem dinâmica, com cada um lendo um ressignificado e expressando o que entendeu ficou bem divertido e mais sentimental.

Aluno C: Ler o livro em sala foi muito bom, ajudou muito ler com o professor e interpretar com os colegas, foi muito melhor do que ler em casa sozinho.

Aluno D: Eu adorei, pois através dessa interpretação eu consegui perceber outros pontos de vista desta mesma palavra.

Aluno E: Esta forma foi proveitosa pois tivemos uma dinâmica diferente do normal⁷.

Todos esses comentários dizem respeito à leitura coletiva feita na escola. É indispensável observar como essa prática marcou cada aluno de uma forma distinta, como já apresentado na prática de leitura com o livro anterior. Detectamos, dessa forma, uma poderosa forma de engajamento de leitura dos alunos que a torna muito mais sensível, prazerosa e significativa.

A segunda etapa do projeto consistiu em os discentes elaborarem uma lista prévia contendo 20 palavras importantes e significativas na vida deles. Foi feita uma breve reflexão para eles pensarem em vocábulos que representam ações, momentos (bons e ruins), pessoas e até coisas que eles gostariam de ressignificar, sem limitação de tema ou propósito. O professor deu exemplos de textos poéticos curtos que trabalham com temáticas semelhantes a essa, e, em seguida, os alunos puderam começar a escrita definitiva dos ressignificados.

A terceira etapa, totalmente direcionada à escrita e confecção do livro, foi morosa e exigiu bastante tempo e esforço dos alunos para realizá-la. Eles começaram com um rascunho de todos os 20 ressignificados, escrevendo-os com as mesmas características presentes na obra de Doederlein.

O professor usou quatro aulas para esse fim e auxiliou mais de perto os alunos que apresentavam maiores dificuldades na escrita. Findada essa parte, os estudantes passaram a confeccionar o livro, elaborando capa, contracapa, dedicatória, sumário e poema introdutório, que precisava ter relação com as palavras selecionadas. O professor de Artes teve participação efetiva nessa etapa, mediando o trabalho artístico da capa, dando sugestões de ilustrações e auxiliando na parte estética do livro.

Os alunos tiveram total liberdade para decidir como confeccionar o livro: totalmente manuscrito (texto e ilustrações), o que leva a um trabalho bastante artesanal; totalmente impresso, ou seja, textos digitados e imagens retiradas do ambiente digital; ou uma mescla da forma manuscrita e digital. Essa autonomia foi fundamental para que a prática pudesse ser marcante e prazerosa, apesar do

⁷ Respostas retiradas do formulário de pesquisa feito com os alunos após a conclusão do projeto, transcritas *ipsis litteris*, sem termos feito qualquer adequação gramatical.

esforço e tempo que precisaram dedicar a ela. Podemos verificar isso a partir da resposta desses alunos:

Aluno A: Ficou muito mais divertido e trabalhoso também, assim cada um teve a liberdade de se expressar da maneira que quis, sendo a maneira que o livro foi feita vindo da criatividade de cada um, eu particularmente gostei muito da experiência, de ter que elaborar, pensar em como fazer, como fazer a capa, como decorar, como escrever, como desenhar, o que desenhar, mesmo tendo dado um trabalho gigante eu fico muito feliz de dizer que fiz um livro e pensei em cada detalhe dele.

Aluno B: A parte da autonomia foi muito importante pois senti que acabou influenciando o meu processo criativo. Senti que eu pude criar a estética do meu livro e aprofundar a narrativa por meio dos desenhos, caligrafia e até a confecção da capa. Além de poder fazer o trabalho manual que para mim fui uma das partes mais legais.

Aluno C: A parte de poder elaborar o livro da maneira que eu quis foi a melhor experiência, já que eu pude escolher sobre o tema, capa, palavras e outros fatores. Eu senti uma vontade enorme em fazer o livro, acho que ter essa autonomia deixou o trabalho muito melhor.

Aluno D: Foi um projeto que exigiu muita dedicação e autonomia para conseguir dividir o tempo para a realização do trabalho e fez com que eu acreditasse mais em mim, que eu era capaz de conseguir produzir um livro.

Aluno E: Em uma escala de 0 a 10 em relação a importância que teve a realização do trabalho ser autônoma foi 10, pois pude de fato me libertar, ser livre ao escrever sem me importar com opiniões alheias.

Aluno F: Minha fantasia é ser escritora um dia e elaborar meu primeiro livro foi algo marcante e divertido. Decorá-lo do meu jeito e escrever seu conteúdo foi como criar uma pequena extensão de mim.

Aluno G: Eu precisei fazer o livro desde a costura da capa, comprar papelão e tecido e escrever o livro então foi ótimo não ter mandado para a gráfica.

Por essas devolutivas, percebemos que os alunos que optaram pela confecção artesanal do livro, o que representa cerca de 70% de todos os trabalhos entregues, tiveram uma reação mais positiva no que concerne à autonomia e precisaram desenvolver as habilidades exigidas para realizar tal tarefa. Cremos que a autonomia foi de extrema importância na realização desse trabalho, o que tornará essa escrita significativa e lembrada para sempre na memória afetiva e escolar desses discentes, como podemos observar na fala do aluno F: “Decorá-lo do meu jeito e escrever seu conteúdo foi como criar uma pequena extensão de mim”.

A finalização da terceira e última etapa deu-se com a entrega definitiva do livro e durou cerca de um mês, findando com a exposição dos livros, na biblioteca do colégio, para a comunidade educativa. Para essa exposição, o professor selecionou alguns alunos que ofereceram uma oficina para outros alunos da escola, inclusive os da educação infantil, com o intuito de explicarem a obra de Doederlein, mostrarem os livros feitos e proporem que eles fizessem um *ressignificado*, a partir de uma palavra que gostassem.

Tal prática de letramento foi imprescindível para findar essa primeira etapa do projeto: exigiu protagonismo e autonomia dos alunos do início ao fim. Os alunos também formaram leitores, ao despertarem a vontade nos outros alunos de

OUTRAS LETRAS

ler a obra original e os trabalhos confeccionados, bem como produzir um *ressignificado*. A seguir, apresentam-se alguns dos livros produzidos pelos alunos para apreciação e análise.



Figura 2 – Livro do aluno 1

No livro do aluno 1, observamos a ligação direta do texto verbal com o não verbal. O estudante externaliza a angústia da maioria dos jovens que se encontram na dualidade entre estar feliz, por ser quem é, ou achar que deve se enquadrar na personalidade e nos valores do seu grupo social. São notórias a habilidade e maturidade desse aluno em retratar, na ilustração, um sentimento tão difícil na vida do ser humano. Observam-se, ainda, as mesmas características de escrita usadas por Doederlein – o não uso da letra maiúscula e os versos finais, impacientes, separados do restante do texto.

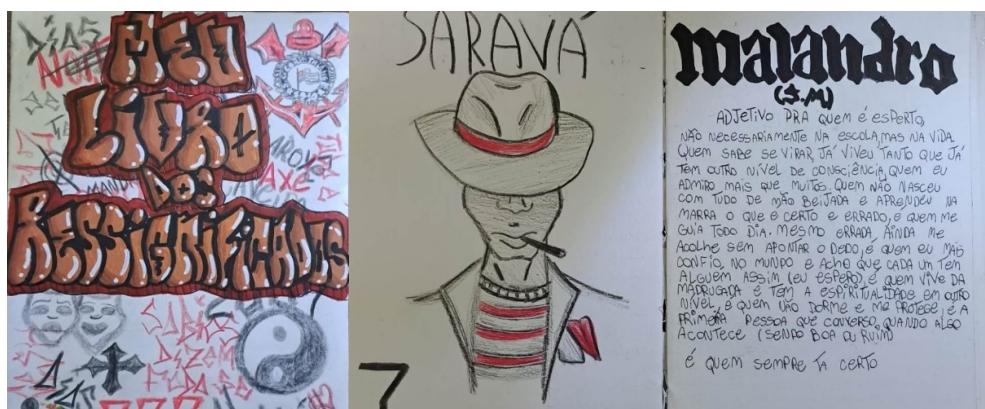


Figura 3 – Livro do aluno 2

No livro do aluno 2, verificamos muitas marcas de um público juvenil específico – a ilustração do time de futebol Corinthians, os símbolos *yin* e *yang* e o

crucifixo, as máscaras, bem como o estilo de letra e as escritas que foram usadas na capa, remetendo à pichação. Aqui temos um bom exemplo do que Michel de Certeau (1998) apontou em relação à apropriação do texto a partir do repertório sociocultural que cada indivíduo possui. Esse estudante consumiu o texto lido em sala e o recriou a partir do seu cotidiano e contexto de vida. Provavelmente essa experiência de leitura e escrita ficará marcada nesse aluno.

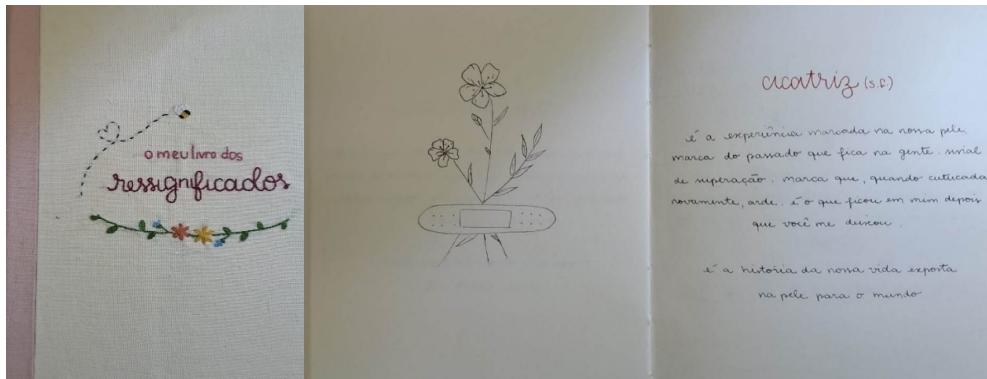


Figura 4 – Livro do aluno 3

No livro do aluno 3, verificamos o uso de uma habilidade bastante relevante, principalmente para os jovens de hoje, que é o bordado. A capa do livro foi totalmente bordada pelo educando, e sua delicadeza parece estar conectada tanto ao desenho quanto à caligrafia. Novamente percebemos o traço da subjetividade na criação do ressignificado, marcado pelas experiências traumáticas do eu lírico, entretanto percebemos um tom otimista e de pertencimento ao reconhecer que o sofrimento, representado pela cicatriz, “é a história da nossa vida exposta na pele para o mundo”.

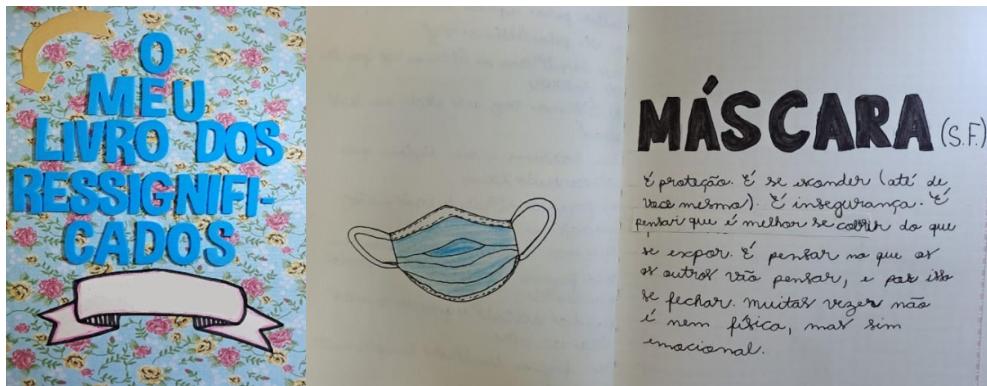


Figura 5 – Livro do aluno 4

O que chama a atenção no livro do aluno 4 é a temática abordada no ressignificado. O contexto pandêmico trouxe mudanças significativas em nossa sociedade,

OUTRAS LETRAS

principalmente em relação à higiene e aos cuidados com a nossa saúde. Entretanto, esse aluno não se refere à máscara como um objeto apenas de proteção contra o vírus, mas como uma forma de se esconder e de evitar a exposição: “É insegurança. É pensar que é melhor se cobrir do que se expor. É pensar no que os outros vão pensar, e por isso se fechar”. Como podemos observar, várias inquietudes, muito frequentes nesse período da vida, são reveladas na escrita do texto literário. A liberdade criativa proporciona que o aluno se sinta livre para poder expressar as suas emoções e sentimentos.

É notável como os estudantes se apropriaram do texto-fonte de Doederlein como ponto de partida para criar um livro verdadeiramente original e inovador. Esse processo sugere não apenas a profundidade da aprendizagem significativa alcançada, mas também o despertar de novos leitores e, por que não, futuros escritores, agora dotados de uma confiança renovada em suas capacidades literárias, como pudemos observar nas respostas dadas pelos alunos.

Esses livros, feitos inteiramente pelos alunos, atestam não apenas uma notável habilidade de escrita, como também um nível extraordinário de criatividade e autonomia, manifestado no uso poético da linguagem ao ressignificarem as palavras. Esses trabalhos serão – em nossa expectativa – lembrados para sempre por eles, não apenas como testemunho de seus talentos, mas também como uma lembrança do poder transformador das palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo objetivamos debater sobre a importância e relevância do trabalho pedagógico do texto literário de forma criativa e contemporânea. Constatamos que a leitura e a aprendizagem são verdadeiramente significativas quando o aluno é realmente inserido no processo de ensino-aprendizagem e tem a possibilidade de ser protagonista do seu próprio conhecimento. Destacamos, ourossim, a relevância que o professor, como mediador, deve dar ao contexto e ao cotidiano de vida dos educandos, levando em consideração os seus gostos, preferências e realidades.

A combinação entre uma mediação eficaz por parte do professor de literatura, com a seleção adequada de textos literários, é fundamental para a formação de leitores, tanto em sala de aula quanto para a vida. Quando o professor atua como mediador competente, orientando e incentivando os alunos na análise e interpretação das obras literárias, ele não apenas facilita a compreensão dos textos, como também desperta o interesse e o prazer pela leitura.

A escolha cuidadosa de textos que sejam relevantes e significativos para os alunos potencializa esse processo, tornando a leitura uma experiência enriquecedora e transformadora. Dessa forma, a leitura não é apenas uma atividade escolar, mas também uma prática significativa que os alunos levam consigo além dos muros da escola, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades críticas, empáticas e culturais.

Em suma, pudemos constatar que o projeto aqui discutido atingiu o seu objetivo: fazer com que os alunos elaborassem um trabalho que estivesse em consonância ao seu próprio cotidiano, tornando-o protagonista do seu aprendizado que passa, assim, a ser significativo. A adesão positiva e o grande engajamento dos educandos na realização e feitura desse trabalho também são reveladores dos ganhos e resultados que a educação básica tem ao se trabalhar a literatura

do jeito que ela naturalmente é: uma arte. A divulgação dos livros, por meio da feira e exposição, fez com que outros jovens pudessem se interessar pela obra literária e também a escrever o seu próprio ressignificado. Vivemos em um tempo em que as fronteiras da literatura já não se esbarram mais nos estreitos limites do papel, e, assim sendo, é preciso navegar por mares nunca dantes navegados.

TEACHING LITERATURE THROUGH A PEDAGOGICAL PROJECT: A POSSIBLE PATH FOR TRAINING READERS

Abstract: This article focuses on the investigation of how working with the literary work *The book of resignifications*, by João Doederlein (2017), in the context of a teaching project developed in a private school, impacts students' significant learning, favoring meaningful reading, student protagonism and the consequent formation of a reading community. This study also delves into the understanding of the intersection between literary transformations, leveraged by the context of the digital age, and the educational environment, seeking to discern how such innovations can impact pedagogical practice, the appropriation of literary text and the consequent taste of students for literary reading independently.

Keywords: Reader training. Contemporary Brazilian literature. Teaching project. Meaningful learning. *The book of resignifications*.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, B. O ensino de literatura hoje. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, n. 14, p. 3-17, jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/22456/17058>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- AUSUBEL, D. P. *A aprendizagem significativa*: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CERTEAU, M. de. Ler: uma operação de caça. In: CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 259-270.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- DOEDERLEIN, J. *O livro dos ressignificados*. São Paulo: Paralela, 2017.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LEITE, L. H. A.; MENDEZ, V. Os projetos de trabalho: um espaço para viver a diversidade e a democracia na escola. *Revista de Educação*, Porto Alegre, ano 3, n. 4, p. 25-29, jan./jun. 2000.
- LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645275>. Acesso em: 13 out. 2023.

OUTRAS LETRAS

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAPPONE, M. H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. *Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 49-60, 2008.